

O GLOBO

História: Dois livros revelam as muitas faces das guerras • 3

PROSA & VERSO

Especial: Textos de Guimarães Rosa reunidos em livro de arte • 6

SÁBADO, 7 DE FEVEREIRO DE 2009

Fórum em Belém impulsiona aproximação entre pesquisadores e movimentos sociais

Rachel Bertol

Na semana passada, no simbólico palco da região amazônica, em Belém, no Pará, 50 redes de cientistas ou ligadas à ciência — representando cerca de 250 organizações de todo o mundo — realizaram um encontro inédito, pela sua abrangência e ambição, com movimentos sociais. O primeiro Fórum Mundial Ciência e Democracia, que aconteceu durante dois dias antes do início do Fórum Social Mundial, representa a consolidação de um movimento internacional de cientistas que, embora não seja novo, nunca se deu de forma tão complexa, relacionado a tantas e tão diversas questões.

Foi na França que o movimento começou a germinar, há uns cinco anos. Em grande parte, originado pela insatisfação dos cientistas com as pressões crescentes para obterem resultados rápidos e práticos em suas pesquisas, por parte dos financiadores, como o Estado e sobretudo as grandes corporações. Era necessário começar a criar um espaço de resistência. Encontraram eco nos movimentos sociais, que, diante da avassaladora presença da tecnociência no cotidiano, sentem cada vez mais necessidade de interpor os rumos da pesquisa científica em assuntos como células-tronco, aquecimento global, alimentos geneticamente modificados, fontes energéticas e outros.

Um dos organizadores do novo fórum, o francês Lionel Larqué, da ONG Ciências Cidadãs, lembra que, devido à crise global, até os matemáticos têm sido questionados sobre sua responsabilidade no desenvolvimento de ferramentas financeiras consideradas excessivamente opacas e complexas:

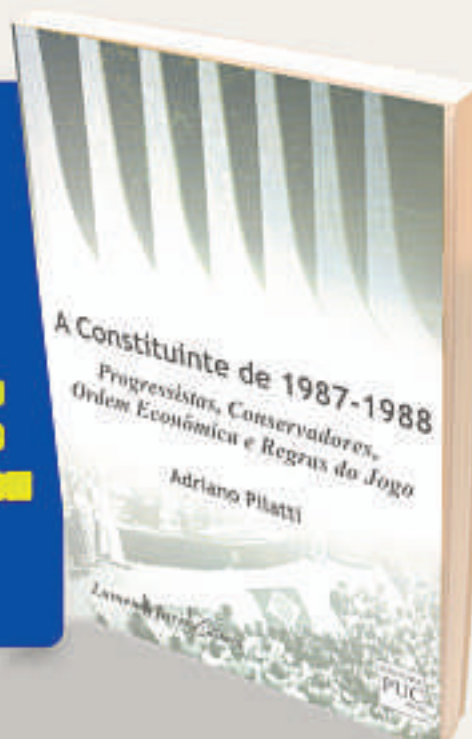
— Não se trata de controlar os cientistas, ao contrário, queremos garantir a liberdade da pesquisa. Mas é preciso discutir as grandes orientações e a destinação das verbas, o que não acontece hoje. É preciso uma legitimidade social.

E o fato de o primeiro fórum ter acontecido na região amazônica não foi visto como coincidência. Espaço onde se entrecruzam embates internacionais, a Amazônia trouxe à tona questões de meio ambiente, biodiversidade e inspirou, a partir da intervenção de brasileiros, um peculiar debate sobre o valor científico dos saberes tradicionais e coletivos dos povos da região, em geral indígenas. Debate que embute uma crítica à maneira como se exerce a pesquisa. Até por isso a presença dos saberes coletivos mostrou-se atualíssima: quando discutem com a sociedade o valor de suas pesquisas, os cientistas (e suas instituições) saem da redoma do conhecimento especializado e assumem o risco de se verem desmistificados — a ponto de muitos terem a carreira estagnada. Mas assumir tal risco, analisam participantes do Fórum, pode ser necessário para no futuro preservar a autonomia. *Continua na página 2*



Confrontos da ciência

A HISTÓRIA DE UMA CONSTITUINTE 1987-1988.



A Constituinte de 1988 é uma peça construída em meio aos conflitos em que se envolveram o bloco progressista, formado por parlamentares da resistência democrática ao regime ditatorial e o bloco conservador, integrado pelos que se aliam ao golpe de 64. As diferenças ideológicas e as estratégias usadas por um e por outro lado compõem o cerne desta obra, escrita por Adriano Pilatti (Direito, PUC-Rio), participante de todo o processo de elaboração da Constituinte, com a visão privilegiada de um assessor parlamentar.

À venda nas livrarias: Carga Nobre (PUC-Rio) | Café do Wilsinho | Eldorado Books | FGV | Livraria Cultural da Guanabara | Livraria revista dos Tribunais | Planeta do Livro | Renovar | Saravá | Yves de Kematin | entre outras.

334 Páginas
R\$ 67,00

Lumen & Juris Livraria Editora EDITORA PUC RIO

edpucrio@puc-rio.br | www.puc-rio.br/editorapucrio

CONFRONTOS DA CIÊNCIA • Continuação da página 1

Questões sobre ciência e tecnologia são parte dos problemas e das soluções para crises, lembram participantes do Fórum

Questões sobre ciência e tecnologia são parte dos problemas e das soluções para crises, lembram participantes do Fórum

No texto do Fórum Mundial de Ciência e Democracia destaca-se, em primeiro plano, a importância do conhecimento científico como bem comum da Humanidade. Os signatários, de 18 países, defendem maior cooperação entre cientistas no mundo, em sintonia com as propostas apresentadas com ênfase por representantes de Índia e Brasil — países que, com a França, tiveram presença marcante no evento. Segundo os organizadores, um dos desafios para o próxima edição, em janeiro de 2011, será aumentar a presença dos EUA. — A questão dos *commons* foi um dos tópicos mais debatidos. A internet permite uma difusão

nunca vista do conhecimento, mas precisamos encontrar um equilíbrio entre remuneração e cooperação para garantir o conhecimento como um bem comum. Estávamos preocupados em buscar alternativas, não apenas em denunciar — afirmou a francesa Valérie Peugeot, outra organizadora do fórum de ciência.

O documento reitera a necessidade de intensificar a ação da rede internacional. E destaca: “Questões relativas a ciência e tecnologia formam parte importante da crise econômica, climática/ecológica e democrática que o mundo enfrenta hoje assim como da crise relacionada ao uso e à

produção de energia, segurança alimentar, guerra e militarismo. É necessário aprofundar nossa compreensão de como questões relacionadas a ciência e tecnologia são parte dos problemas e também parte das soluções para essas crises”.

Segundo Ian Illuminato, da ONG Friends of the Earth, de Washington, a novidade do novo fórum foi trazer para o debate cientistas estabelecidos:

— Esses indivíduos reconhecem sua posição de poder e escolheram de forma consciente utilizá-la para o bem comum. Estamos vivendo um período histórico em que haverá mudanças radicais, gostemos ou não disso. Mas é nossa es-

colha guiar essas mudanças para nosso benefício ou para a destruição. E este poder não está apenas na mão de cientistas.

Nesta página, outros participantes do fórum destacam tópicos do debate. O australiano Hugh Lacey, filósofo da ciência, é professor emérito do Swarthmore College, nos EUA, já deu aulas na USP e integra a Associação Scientiae Studia, de São Paulo. Lionel Larqué faz parte da ONG Ciências Cidadãs e tem formação em física, história da arte e ciências políticas. Em artigo, Priscila Falhaber analisa desafios relativos à Amazônia e o filósofo Andrew Feenberg fala dos novos desafios. E

AFP/01-02-2009



Divulgação

9 “Defendo o que chamo de ‘re-institucionalização’ da ciência. O ponto mais radical é adotar uma concepção da ciência com metodologias hoje marginalizadas. As inovações tecnocientíficas se dão de forma descontextualizada, sem levar em conta fenômenos sociais, ecológicos ou relativos à saúde das pessoas. Mas quando se quer entender riscos, deve-se levar em conta esses contextos, que envolvem até questões de direitos humanos. A discussão democrática será um dos tópicos maiores nas discussões científicas nos próximos anos. Se há crescente pressão por parte dos financiadores, é importante criar espaço para pressão no sentido contrário. Sempre haverá tensões. Mas a ciência deve respeitar sua tradição, mantendo-se ligada a valores universais da Humanidade, sem servir a interesses especiais. Do contrário, não terá mais sua autoridade reconhecida pela sociedade.”



Divulgação

+ 1 “Há dez anos, a pressão dos mercados ainda não era tão forte. Os cientistas tinham uma vida boa, mesmo que na Índia ou no Brasil houvesse uma visão bem mais cética. Essa situação vem mudando. A pressão dos mercados por novos produtos está deixando os cientistas entre a cruz e a espada. Sua cultura está totalmente em contradição com as demandas imediatistas e utilitárias do mercado. E enfrentamos graves crises, como no meio ambiente ou na economia. Mas o importante hoje é que haja discussão sobre as grandes orientações da pesquisa. Para que tenha legitimidade. Na França, por exemplo, a maioria do orçamento na agricultura é voltada para melhoria dos processos químicos no solo, e sobre isso não há discussão. Ora, muita gente reivindicava mais pesquisa em agricultura biológica. Queremos mais liberdade para os cientistas, mas a pesquisa precisa de legitimidade. Se não discutirmos determinadas questões, vamos gerar problemas que a Humanidade não conseguirá mais resolver.”



PARTICIPANTE

do Fórum Social Mundial dá seu recado contra o desmatamento da Amazônia

Amazônia, fronteira científica

* A A V ^ > Õ • ... > Li A

À A Amazônia aparece, nos dias de hoje, como reserva de valor para o Estado e para a política internacional. Reserva de terra, água, energia e produtos renováveis. A região é relevante para a discussão sobre implicações das políticas desenvolvimentistas para a cultura da soja e do etanol, bem como exploração dos recursos naturais como madeira, através do desmatamento, que tem sido debatida em fóruns científicos de grande prestígio acadêmico. Não cabe aqui detalhamento das polêmicas entre preservacionistas e desenvolvimentistas, uma vez que focalizo nos aspectos políticos da participação científica.

Nos atuais processos de integração de mercados, as ins-

tuições científicas configuram-se como tecido social que abrange múltiplas interações com redes de pesquisadores, agências públicas e privadas. Os institutos de pesquisa na Amazônia aparecem, do ponto de vista da política científica, como unidades de intervenção regional, como lugar de territorialização de políticas concebidas a partir do campo científico, que envolvem a construção de representações sobre a natureza e a ocupação humana, num jogo no qual se encontram engajados investimentos e comprometimentos simbólicos e práticos.

A criação do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) pelo CNPq, em 1954, consubstanciou uma ação da política científica de Estado para a Amazônia em nível in-

ternacional, configurada, assim, como fronteira não só política e econômico-social, mas também científica. O INPA, hoje referência mundial em biologia tropical, incorporou o Museu Goeldi, instituição fundada em 1866.

Com a democratização no Brasil, os pesquisadores passaram a ter uma participação mais formal e reconhecida institucionalmente nos processos sociais relacionados a suas pesquisas. O crescente interesse social, associado ao processo de democratização política, implicou composições e recomposições com os grupos dirigentes, no que se refere à preparação de elites capacitadas para ocupar cargos de direção da política científica e tecnológica, da institucionalização da pós-graduação e no

sentido de articulação entre universidade, pesquisa e mercado de trabalho.

Tal democratização não é sinônimo de harmonia, produzindo acirramento de disputas por recursos e representações nas quais a questão regional é preponderante. E a ciência pode fornecer instrumentos para autodeterminação de novos atores — como os povos da região detentores de conhecimentos coletivos — que se destacam nesse processo. Dessa forma, talvez seja possível modificar o sistema de dominação que se perpetua desde os tempos coloniais.

PRISCILA FAULHABER é pesquisadora do Museu Goeldi e do Museu de Astronomia. Os trechos acima são da palestra apresentada no Fórum Social, em Belém

CORPO A CORPO

ANDREW FEENBERG

‘Ainda há muita resistência’

Andrew Feenberg/Divulgação



O canadense Andrew Feenberg, professor da Simon Fraser University e um dos palestrantes do Fórum, fala sobre a importância do encontro.

O que é novo num encontro como este?

7 Talvez a maior inovação seja o fato de acontecer em conjunção com o Fórum Social Mundial. Problemas envolvendo ciência e tecnologia perpassam tudo mais no FSM. Sindicatos precisam lidar com mudanças tecnológicas que eliminam empregos. Povos da região enfrentam o desenvolvimento tecnológico destrutivo. Questões de propriedade intelectual são afetadas pela internet. Problemas de meio ambiente são causados por tecnologia poluente. Os cientistas se preocupam com o fato de que a intervenção da sociedade vai lhes trazer dificuldades. Ainda há muita resistência. Mas as universidades estão sendo cada vez mais influenciadas pelos negócios e pelo governo. Os cientistas sentem que perdem autonomia e liberdade. Sua reação pode crescer na medida em que o neoliberalismo for desacreditado pela crise e os problemas de mudança climática piorarem.

Pode resumir sua palestra no fórum?

Quando falamos em democratização da ciência, queremos dizer que cientistas e o público estejam engajados em trocas livres e abertas sobre problemas relevantes, como a contaminação por lixo tóxico ou os experimentos médicos em seres humanos. Quando falamos em democratização da tecnologia, queremos dizer que os governos democráticos estendam sua regulação da indústria para proteger o interesse público. Ninguém quer governos ditando a “verdade” para cientistas, e só a comunicação entre homens de negócio e o público não será suficiente para prevenir a poluição e outros problemas. Mas ciência e tecnologia não devem ser vistas com o mesmo valor. A ciência busca a verdade e a tecnologia produz bens úteis. Há muitas estratégias e é importante não haver confusão entre elas.